

Significâncias advindas de vivências extensionistas experimentadas por graduandos de Odontologia: um relato de experiência

Impact of Extension Actions Experienced by Undergraduate Dentistry Students: An Experience report

Autores

Luiz Eduardo de Almeida. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Odontologia (Saúde Coletiva) pela Faculdade de Odontologia de Piracicaba da Universidade Estadual de Campinas (FOP-UNICAMP). Professor Adjunto do Departamento de Odontologia Restauradora da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.(UFJF). Minas Gerais. Brasil

E-mail: luiz.almeida@ufjf.edu.br | Autor correspondente

Laísa Araújo Cortines Laxe. Doutora em Odontologia (Dentística) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Adjunta do Departamento de Odontologia Restauradora da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. (UFJF). Minas Gerais. Brasil

E-mail: laisalaxe@gmail.com

Fernanda Bello Kneitz. Acadêmica do curso de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.(UFJF). Minas Gerais. Brasil

E-mail: fernandakneitz@hotmail.com

Rana Alice da Cruz Pessoa. Acadêmica do curso de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.(UFJF). Minas Gerais. Brasil

E-mail: ranaacp@gmail.com

Recebido em: 15/12/2020 **Aprovado em:** 16/03/2021

DOI: 10.12957/interag.2020.56602

Relato

Vivenciar e compreender o papel da extensão universitária é fundamental para uma formação acadêmica dos futuros profissionais de saúde mais humanizada e contextualizada aos problemas de saúde que assolam a população brasileira. Neste contexto, o presente estudo traz em seu bojo, através de um relato de experiência, analisar os impactos advindos de uma vivência extensionista (Projeto de Extensão “Escova-Ação”) junto ao processo de aprendizagem de acadêmicos de Odontologia (Universidade Federal de Juiz de Fora) – sendo focado

Resumo

Abstract

Experiencing and understanding the role of university extension is fundamental for an academic formation of future health professionals that is more humanized and contextualized to the health problems that plague the Brazilian population. In this context, this study, through an experience report, analyzed the impacts of an extension experience (Extension Project “Escova-Ação”) along the learning process of dentistry students (Federal University of Juiz de Fora) – being focused in this analytical process, conceptual, attitudinal

nesse processo analítico as aprendizagens conceituais, atitudinais e procedimentais. Assim, das duas primeiras inspeções, além de experienciarem os comuns entraves advindos do confronto entre teoria e prática, os discentes se viram como agentes ativos na devolução dos conhecimentos científicos por eles aprendidos, apreendidos e agora carreados. Já na análise atitudinal, desprende-se, a conscientização do futuro profissional de saúde frente a seu papel social, o de transformar duras realidades. Por fim, por intermédio dos resultados encontrados e qualitativamente discutidos, pode-se afirmar que viver extensão proporcionou aos discentes extensionistas uma troca de significados mais humanizada, garantindo, dessa forma, a aquisição de valores e de aprendizagens (conceitual, procedimentais e atitudinais) que favorecem o desenvolvimento acadêmico, profissional e o compromisso social – valores estes que não se aprendem em salas de aulas, mas que precisam ser experimentados em cenário extramuros, naturalmente extensionistas.

and procedural learning. From the first two inspections, in addition to experiencing the common obstacles arising from the confrontation between theory and practice, the students saw themselves as active agents in the return of the scientific knowledge they apprehended, learned and carried. In the attitudinal analysis, the awareness of the future health professional regarding his social role, that of transforming harsh realities, was evident. Finally, traversed by the results discussed, it can be said that living extension provided students with a more humanized exchange of meanings, thus ensuring the acquisition of values and learning (conceptual, procedural and attitudinal) that favor academic development, professional and social commitment – values that are not learned in classrooms, but that need to be experienced in an extramural scenario, naturally extensionists.

Palavras-chave: Educação em Odontologia; Relações Comunidade-Instituição; Práticas interdisciplinares; Aprendizagem

Keywords: Education, Dental. Community-Institutional Relations; Interdisciplinary Placement; Learning

Área Temática: Saúde

Linha de Extensão: Saúde Humana

Introdução

Para uma adequada formação acadêmica dos futuros profissionais de saúde, de forma contextualizada aos reais problemas de saúde que assolam a população brasileira, vivenciar a extensão universitária é fundamental¹.

De outra forma, avigorada aos preceitos de Freire², a extensão universitária se define aos moldes da via de mão dupla, ou seja, além de levar informações para a comunidade (ensino), traz para o cenário universitário dados e informações, coletados e interpretados cientificamente (pesquisa), que retratam as complexidades da integralidade da vida humana².

Entretanto, mesmo diante de seu importante papel no processo formativo, segundo Almeida¹,

[...] a importante produção gerada pela extensão é geralmente pouco valorizada no plano acadêmico, onde prevalecem os critérios e o ranking dos periódicos indexados. Embora abundante, a produção de textos de, ou sobre, extensão acaba frequentemente no esquecimento das gavetas, nos CDs, em subdiretórios de computadores ou mesmo em locais pouco visitados na web¹.

Como consequência, vê-se o degrading do hegemônico e tradicional modelo formativo acadêmico¹⁻³. Onde, normalmente, o ensino e a pesquisa, juntos, seguem desconectados das questões sociais que os cercam, tornando-se majoritariamente idealistas e abstratos¹⁻³. No mesmo caminho, a extensão, minorizada, vivencia uma prática dissociada, revelando-se espontaneísta e pragmática¹⁻³. Contradições que sustentam uma prática educativa alienada das condições sociais que a determina¹⁻³.

Nesta enseada, conforme Almeida I¹,

[...] lutando pelo aumento da visibilidade da extensão universitária, emergem no Brasil alguns espaços extensionistas. Periódicos de divulgação foram lançados e gradativamente vêm ganhando reconhecimento científico. Publicaram-se editais para financiamento de projetos, almejando sua solidificação no universo acadêmico. Além disso, a abertura de ambientes continuados de discussão – como a criação do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, com ações iniciadas em 2002 – agregou um público interessado em discutir os caminhos da extensão no Brasil e no mundo, constituindo um importante fórum de debates das instituições comunitárias, privadas e públicas¹.

Por fim, atravessado pela provocação, o presente estudo não apenas se justificou, como alicerçou o seu propósito, o de, em linhas gerais, prover uma análise dos impactos advindos de uma vivência extensionista junto ao processo de aprendizagem de acadêmicos de Odontologia. Para tal, trouxe, através de um relato de experiência, o recorte da visão dos discentes integrantes do “Projeto de Extensão Escova-ação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PE-EA/UFJF)” sobre suas experimentações, enfocando aprendizagens conceituais, atitudinais e procedimentais, bem como os possíveis impactos de vivências extensionistas para o desenvolvimento acadêmico, profissional e para o compromisso social.

Vivências extensionistas experimentadas em discussão

Primeiramente, por envolver seres humanos, deu-se a aprovação e liberação, sob parecer de número 3.617.686 (03/10/2019), pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, segundo Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde⁴.

Trata-se de um estudo qualitativo transversalmente estruturado sob estratégia narrativo-descritiva e moldado à técnica argumentativa⁵⁻⁸.

Frente a seus objetivos, na prática, colocar os discentes extensionistas (dois acadêmicos integrantes do Projeto de Extensão Escova-Ação, PE-EA/UFJF) a refletir sobre os possíveis impactos de suas vivências experimentadas (de março de 2018 a julho de 2019) não se mostrou tarefa tão simples – apesar da aparente liberdade em compor este texto, sobressaltou-se o peso de escolher e, principalmente, de se entender aquilo que merecia ser lembrado, realçado e, até mesmo, esquecido.

Desta sistemática, como ponto de partida, a palavra recordação se destacou, que segundo Galeano⁹, “Recordar: do latim *re-cordis*, tornar a passar pelo coração”. Nesta enseada, que valoriza a autonomia do aprendizado, cabem as reflexões de Zanella¹⁰, “Aprendizagem significa a própria mudança que vai se operando no sujeito através das experiências”.

Assim, na intenção de sistematizar o processo crítico-reflexivo desse trabalho, o estudo alinhou-se à lógica do trabalho de Costa¹¹, que analisaram, através de três categorias de aprendizagem (conceitual, procedimental e atitudinal), os relatos das vivências experimentadas por discentes extensionistas.

Destarte, em linhas gerais, a aprendizagem conceitual envolve o papel da extensão universitária na aplicação e na construção de novos conceitos em prol de uma formação acadêmica socialmente contextualizada¹¹. Em outras palavras, como afirmam Síveres¹², “a atividade extensionista contribui para o aprofundamento dos conceitos, ou seja, aquilo que se deve saber para o exercício de sua profissão, como também para o desenvolvimento pessoal”.

Assim, refletindo sobre esta categoria, os discentes extensionistas do PE-EA/UFJF se viam diante do primeiro questionamento do estudo: o que aprendi com a extensão universitária?

Das respostas encontradas pode-se afirmar que a maioria delas caminhavam para o frequente desalinhamento da relação teoria(ensino)/prática(comunidade).

pensar é muito mais fácil que fazer”; “na hora é muito mais difícil”; “diversas vezes planejamos uma ação com as crianças e deu errado”; “houve situação que a mesma atividade deu certo com um grupo de crianças e não deu certo com outras crianças da mesma escola”; “descobrimos que as crianças gostavam de brincar, e são muito exigentes, se repetíamos algum conteúdo elas reclamavam”; “na faculdade nunca aprenderíamos nada disso”; “a escola sempre se mostrou receptiva conosco, mas às vezes eu tive a sensação que eles esperavam mais da gente”; “eu não tenho a certeza se levamos algum benefício para as crianças que assistimos.

Dos relatos evidenciou-se o sobrepujamento da realidade prática sobre as expectativas teórica – foi justamente deste confronto entre teoria/expectativa e prática/realidade que a experiência vivenciada pelo PE-EA/UFJF se fez como agente ativo no processo de aprendizagem conceitual dos extensionistas, afinal, deles foram também exigidas outras habilidades, pautadas na plasticidade do adaptar, do criar, do suprimir, do postergar, e, principalmente, do (re)inventar-se.

Percepções que se alicerçam ao dito, respectivamente, por Almeida¹, e Rossetti¹³, “uma equipe aprende com os acertos e se transforma com os erros”¹ e “Aos doutores, ensiná-los a pensar, não aplicar técnicas ou receitas”¹³ e se encerram nas colocações de Sampaio¹⁴,

[...] a extensão sempre produzirá conhecimento, em razão de haver muito a conhecer, isso porque a pretensão de fazer tudo conhecido significa ignorar a subjetividade humana e viver como se fosse possível eliminar os conflitos sobre uma espécie de harmonia universal, o que significaria abandonar a própria condição humana e a construção de suas relações sociais¹⁴.

Dando continuidade ao percurso analítico do estudo, no que tange a aprendizagem procedimental¹¹, as reflexões se iniciaram pela compreensão da lógica metodológica do PE-EA/UFJF, que, desde sua concepção, em 2001, traz em seu ideário o desenvolvimento das já reconhecidas e efetivas ações educativo-preventivas em ambientes escolares^{1,15-19}.

Complementando, através das afirmações de Valarelli²⁰, os anseios do PE-EA/UFJF se clarificam ainda mais,

[...] A implementação de programas de educação para saúde bucal em escolas oferece às crianças o conhecimento sobre os meios efetivos para evitar as doenças bucais. A motivação é, também, um requisito indispensável para o aprendizado. É um processo pessoal, interno, que determina a direção e a intensidade do comportamento humano. O aprendizado só é realizado a partir do desencadeamento de forças motivadoras. Ressalta-se que um local ideal e apropriado para a introdução e o desenvolvimento da educação em saúde bucal é encontrado nas escolas primárias²⁰.

Além disso, no intuito de pluralizar sua cobertura, desde sua concepção, o PE-EA/UFJF vem desenvolvendo suas ações de forma itinerante. Neste arranjo, em média de dois semestres letivos, os cenários extensionistas se diversificaram – essa lógica de trabalho se pauta na certeza de que vínculo em extensão não se materializa na dependência, pelo contrário, atrela-se ao grau de autonomia alcançado junto a seus assistidos^{1,3,21}.

Assim, no primeiro semestre de 2018, o PE-EA/UFJF pactualizou suas atividades com a Escola Municipal Maria Aparecida Sarmento (EM-MAS), que, até então, possuía aproximadamente 100 crianças matriculadas, entre as faixas etárias de 4 a 7 anos, divididas em 6 turmas e em 2 turnos (manhã e tarde).

Localizada na cidade de Juiz de Fora-MG, um município de alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH/2010:0,778), a EM-MAS se insere no bairro Jardim Casa Blanca, atingindo crianças de um seio familiar de grande vulnerabilidade social^{22,23}.

Do exposto, retomando a reflexão dos discentes extensionistas frente à aprendizagem procedimental mais um questionamento se levantou: o que levamos?

Inicialmente, o primeiro movimento do PE-EA/UFJF centrou-se no desenvolvimento de ações educativo-preventivas (figura 1), destacando neste processo a ludoterapia, que, segundo Oliveira²⁴,

As manifestações lúdicas por meio dos brinquedos trazem o ensinamento que a resolução de problemas, sobretudo bucais, pode ser divertida e é necessária. Faz o inconsciente memorizar informações sem dificuldades, além de contribuir no aprendizado de outros participantes da família. Os

jogos e brinquedos, quando respeitam a faixa etária da criança, podem ser mais efetivos que os tradicionais procedimentos instrucionais utilizados na tentativa de aprendizado da prevenção²⁴.



Figura 1. “Atividades de educação em saúde”.

Fonte: Autores (2019)

Daqui algumas reflexões dos acadêmicos extensionistas se evidenciaram:

“o que mais me impressionou foi a participação das crianças, elas interagiam muito, e já sabiam muitas coisas”; “as professoras nos ajudavam o tempo todo, principalmente nos momentos em que as crianças ficavam agitadas, sem elas, em vários momentos, não conseguiríamos desenvolver algumas atividades”; “as crianças gostam de atividades curtas e divertidas, quando as atividades se estendiam um pouco, rapidamente perdiam o interesse”.

Entretanto, paralelamente ao desenvolvimento das atividades lúdicas junto aos pré-escolares da EM-MAS, conforme os discentes do PE-EA/UFJF, alguns entraves foram se revelando. A falta de instrumentos de higiene bucal foi a primeira vulnerabilidade a se destacar.

a nossa primeira dificuldade se deu com a falta de kits de higiene bucal, afinal, não fazia sentido a gente explicar tudo para as crianças se elas não tinham instrumentos para executar o que queríamos – diante disso, procuramos a direção da faculdade de odontologia para a doação dos kits”; “tivemos que doar dois kits para cada criança, um para ficar na escola e outro para sua residência, pois algumas crianças não tinham escova e pasta de

dente em casa”; “inicialmente os kits não foram encarados pela escola como uma coisa boa, pois demandavam das professoras uma ação contínua de escovação com as crianças, assim, tivemos que auxiliar as docentes na criação de uma rotina, dedicando um momento de higiene bucal após alimentação das crianças.

A outra fragilidade vivenciada pelos extensionistas, sendo a mais complexa, foi a falta de acesso dos escolares aos serviços odontológicos.

as crianças tinham uma saúde bucal muito precária”; “quando chegamos na escola, algumas professoras já começaram a falar da necessidade de tratamento odontológico de algumas crianças”; “tinha dia que as professoras mostravam pra gente crianças com dor, ou que faltavam com muita frequência por problemas bucais”; “havia algumas crianças que já sofriam bullying”; “só as ações de educação em saúde não foram suficientes”; “percebemos que apesar da proximidade com a faculdade de odontologia e com o posto de saúde do bairro, as crianças não tinham nenhum acesso a serviços odontológicos, muitas delas nunca tinham ido ao dentista”; “várias vezes não entendia o que estávamos fazendo lá, falávamos de prevenção com as crianças, sendo que muitas delas já estavam muito doentes, isso me dava a sensação de alienação.

Foi justamente este ponto fragilizador o intermediador para a abertura do segundo movimento do PE-EA/UFJF, sendo este momento constituído por duas ações: diagnóstico situacional (organização das crianças levando-se em consideração o risco de se adoecer: R1/Prioridade alta; R2/Prioridade intermediária; R3/Prioridade baixa²⁵; figura 2 na página seguinte) e referenciamento para serviços odontológicos (Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Juiz de Fora e para o Centro de Especialidades Odontológicas/Oeste da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora).

Daqui a fala de uma acadêmica extensionista se despontou: “agora entendi a dificuldade que a população tem para acessar serviços odontológicos, eles valorizam a saúde bucal, mas não conseguem atendimento”.

Por fim, porém não menos importante, seguiu-se para a análise da aprendizagem atitudinal¹¹, que, mais uma vez, delineou-se a partir do último questionamento direcionador: o que trouxemos?

Frente a esta inquietação, algumas colocações dos acadêmicos se valorizaram, entendi as causas das doenças bucais das crianças eram muito maior que o acúmulo de placa bacteriana, envolvia negligência, tanto das famílias quanto dos serviços de saúde bucal”; “descobri que para ser um ‘bom dentista’ é necessário entender e gostar de gente”; “eu vi que uma saúde bucal precária é um marcador de exclusão social, quanto pior a saúde bucal da criança, piores eram suas histórias de vida.

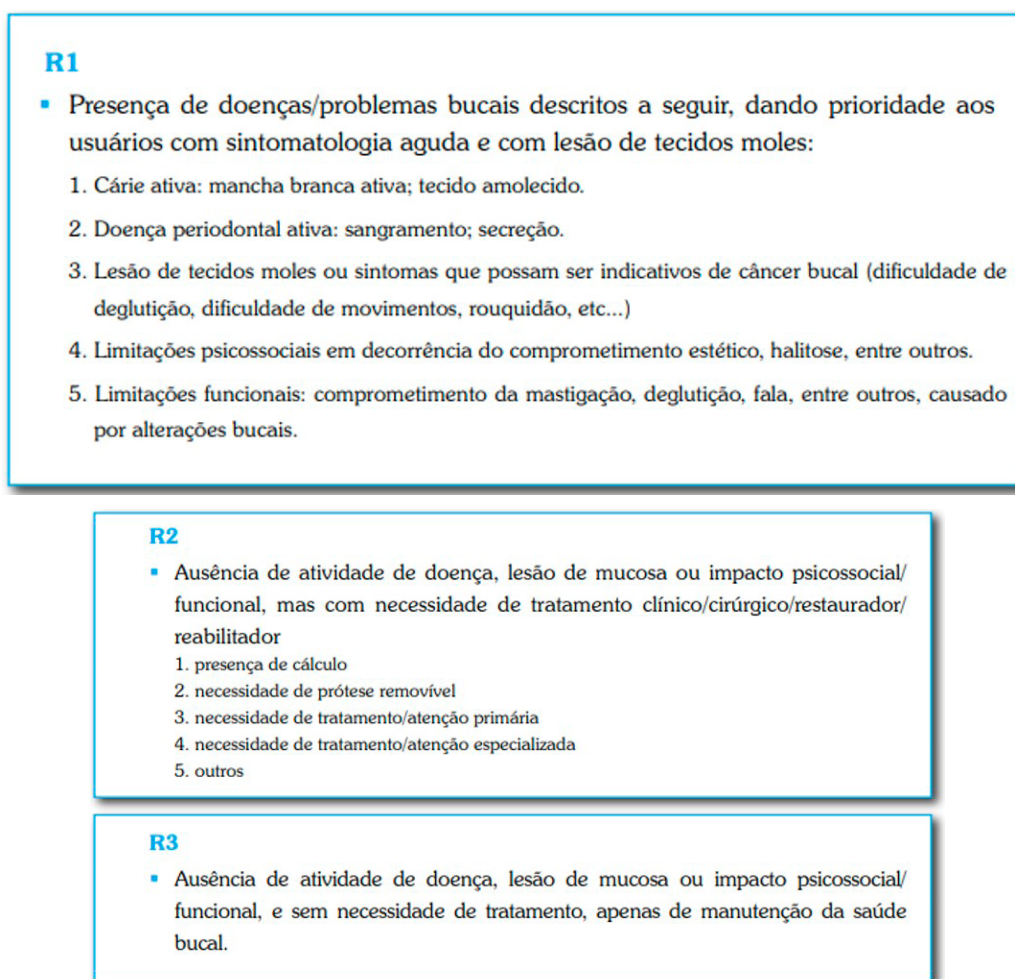


Figura 2. “Avaliação de risco de saúde bucal”.

Fonte. Minas Gerais²⁵, pp.: 102-103

Deste momento, apoiando-se nas reflexões dos discentes extensionistas do PE-EA/UFJF, materializou-se a certeza que o objetivo do conhecimento acadêmico é servir de instrumento para se atuar e, principalmente, para se transformar uma realidade.

Permeado a esta lógica, como firmado por Almeida²⁶, “O estudante passa a mudar sua postura frente ao outro, mudando atitudes, valores e compreendendo seu papel enquanto profissional do amanhã”. De outra forma, segundo Rossetti¹³, “Não se deve adaptar os pacientes à ciência, deve-se adaptar a ciência às pessoas”.

Adensando um pouco mais, pode ainda se afirmar que a aprendizagem atitudinal envolveu um processo de construção de conhecimento ativo. Afinal, os discentes extensionistas foram desafiados continuamente a aprender a aprender, englobando neste movimento proativo o conhecer, o fazer, o viver junto e, sem dúvida, o aprender a ser.

Deste modo, em linhas gerais, as vivências experimentadas no PE-EA/UFJF garantiram aos futuros profissionais da saúde a capacitação da autonomia e do discernimento para assegurar a integralidade da atenção à saúde com eficiência, eficácia e, principalmente, de forma contextualizada e humanizada.

Para encerrar, há de se evidenciar a contínua relação docente-discente, um fundamental processo de escuta ativo que vai de encontro ao firmado nas reflexões de Fernandes²⁷,

a extensão universitária traz para estudantes e professores a oportunidade da convivência e o envolvimento com realidades sociais diferentes de outras culturas, o que instiga à formulação de novas interrogações sobre a dinâmica das relações sociais, sobre os problemas socioeconômicos do País, sobre a cultura nacional e local e sobre a questão da solidariedade, questões essas que poderão ser concretizadas em discussões ampliadas na universidade, através de pesquisa e no ambiente da sala de aula²⁷.

Considerações finais

Dos resultados encontrados e qualitativamente discutidos, pode-se afirmar que viver extensão proporcionou aos discentes do PE-EA/UFJF uma troca de significados mais humanizada, garantindo, dessa forma, a aquisição de valores e de aprendizagens (conceitual, procedimentais e atitudinais) que favorecem o desenvolvimento acadêmico, profissional e o compromisso social – valores estes que não se aprendem em salas de aulas, mas que precisam ser experimentados, enfim, vivenciados.

Deste modo, não para concluir e sim para desafiar, a extensão universitária consubstancia o papel social das universidades. Afinal, são nos cenários extramuros, naturalmente extensionistas, que o ensino superior se ancora, ou melhor, se justifica.

Referências

1. ALMEIDA, Luiz Eduardo de; PEREIRA, Marília Nalon; OLIVEIRA, Valéria. Governador Valadares (MG) em Extensão: Interfaces para a Dinamização e Instrumentalização do Cenário Extensionista em um Campus Recém-Implantado. **Rev. Bras. Educ. Med.**, v.40, n.4, p. 743-750, 2016.
2. FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1983. 93p.
3. ALMEIDA, Luiz Eduardo de; PEREIRA, Marília Nalon; BARA, Éllen Freitas. **Projeto de Extensão Sabiá: a introdução de uma prática integralizadora no ensino odontológico**. In: Almeida, Luiz Eduardo de (organizador). *Pró-Saúde: Ensino, Pesquisa e Extensão*. Juiz de Fora, MG: Editar Editora Associada Ltda, 2009. pp.126-164.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
5. TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 685p.
6. MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* / Deslandes, Suely Ferreira (organizadora). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994. pp.: 09-29. Disponível em <http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Pesquisa_Social.pdf>. Acesso em 23 out. 2020.

7. BELL, Judith. **Projeto de Pesquisa: Guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. 224p.
8. CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007. 248p.
9. GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1991. 271p.
10. ZANELLA, Liane. **Aprendizagem: uma introdução**. In: Rosa, Jorge La (organizador). Psicologia e educação: o significado do aprender. Porto Alegre: EDPUCRS, 2003, pp.17-32.
11. COSTA, Aline Aparecida Cezar; BAIOTTO, Cléia Rosani; GARCES, Solange Beatriz Billig. **Aprendizagem: o olhar da extensão**. In: Síveres, Luiz (organizador). A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem. Brasília: Liber Livro, 2013. pp.61-80.
12. SÍVERES, Luiz et al. **Percurso aprendente do estudante na extensão universitária**. In: Síveres, Luiz (organizador). Processos de aprendizagem na extensão universitária. Goiânia: PUC/Goiás, 2012. p. 81-96.
13. ROSSETTI, Hugo. **Saúde para a Odontologia**. São Paulo: Editora Santos, 1999. 147p.
14. SAMPAIO, Jorge Hamilton. **Autoanálise e autogestão das comunidades: contribuição da sociopsicanálise para metodologias de extensão**. In: Menezes, Ana Luiza Teixeira; Síveres, Luiz (organizadores). Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão nas instituições comunitárias de ensino superior. Santa Cruz do Sul-SC: Edunisc, 2011. p. 119-137.
15. BEZERRA, Italla Maria Pinheiro et al. O fazer de profissionais no contexto da educação em saúde: uma revisão sistemática. **Rev. Bras. Crescimento Desenvolv. Hum.**, v.24, n.3, pp.: 255-262, 2014.
16. CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de. A saúde vai à escola: a promoção da saúde em práticas pedagógicas. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v.25, n.4, pp.:1207-1227, 2015.
17. GABARDO, Marilisa Carneiro Leão; MOYSÉS, Simone Tetu; MOYSÉS, Samuel Jorge. Autopercepção de saúde bucal conforme o Perfil de Impacto da Saúde Bucal (OHIP) e fatores associados: revisão sistemática. **Rev Panam Salud Pública**, v.33, n.6, pp.: 439-445, 2013.
18. MENEGAZ, Aryane Marques; SILVA, Alexandre Emídio Ribeiro; CASCAES, Andreia Morales. Intervenções educativas em serviços de saúde e saúde bucal: revisão sistemática. **Rev. Saúde Pública**, v.52, n.-, pp.:01-14, 2018.
19. SILVA, Meirele Rodrigues Inácio da et al. Processo de acreditação das escolas promotoras de saúde em âmbito mundial: revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.24, n.2, pp.:475-486, 2019.
20. VALARELLI, Fabrício Pinelli et al. Importância dos programas de educação e motivação para saúde bucal em escolas: relato de experiência. **Rev. Odontol. Clín.-Cient.**, v.10, n.2, pp.: 173-176, 2011.
21. ALMEIDA, Luiz Eduardo de et al. O pensar, o fazer e o criticar na extensão: “Leishmaniose” em foco. **Interfaces – Revista de Extensão da UFMG**, v.7, n.1, pp.: 512-525, 2019.
22. BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro**. Brasília: IPEA, 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/juiz-de-fora_mg#idh>. Acesso em 22 dez. 2019.

23. JUIZ DE FORA. Prefeitura Municipal de Juiz de Fora. Secretaria de Assistência Social. Subsecretaria de Vigilância e Monitoramento de Assistência Social. **Mapa social: análise da situação do desenvolvimento familiar em Juiz de Fora**. Juiz de Fora (MG): Funalfa, 2012. 376 p. Disponível em: <https://www.pjf.mg.gov.br/secretarias/sds/arquivos/publicacoes/mapa_social_juiz_de_fora.pdf>. Acesso em 22 dez. 2019.
24. OLIVEIRA, Julisse Carla Cunha. Atividades lúdicas na Odontopediatria: uma breve revisão da literatura. **Rev. Bras. Odontol.**, v.71, n.1, pp.:103-107, 2014.
25. MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Atenção em Saúde Bucal**. Belo Horizonte: SAS/MG, 2006. pp.: 102-104. Disponível em: <<http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/LinhaGuiaSaudeBucal.pdf>>. Acessado em 03 de jan. 2020.
26. ALMEIDA, Luciane Pinho de. **A extensão universitária: processo de aprendizagem do aluno na construção do fazer profissional**. In: Síveres, Luiz (organizador). Processos de aprendizagem na extensão universitária. Goiânia: PUC/Goiás, 2012. p. 53-77.
27. FERNANDES, Mônica Abranches. **Trabalho comunitário: uma metodologia para ação coletiva e educativa da extensão universitária em comunidades**. In: Menezes, Ana Luiza Teixeira; Síveres, Luiz (organizadores). Transcendendo fronteiras: a contribuição da extensão nas instituições comunitárias de ensino superior. Santa Cruz do Sul-SC: Edunisc, 2011. p. 138-157.